VI SÉRIE Nº. 139 — AGOSTO DE 1949 — PREÇO $50

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES PCP

MAIS UM ANO DE PUBLICAÇÃO REGULAR DO «AVANTE!»

COM o presente número completa o «Avante!» 8 anos seguidos de publicação regular. Este número 139 do «Avante!» é, pois, um testemunho evidente da vitalidade política do Partido Comunista Português, da sua capacidade de saber vencer todos os imensos obstáculos que a repressão fascista levanta no seu caminho em defesa da classe operária e do povo. É um sinal de vitalidade de que nenhum outro partido anti-fascista nacional se pode orgulhar.

Só um partido ligado ao povo, como o P.C.P., poderia celebrar mais um aniversário do seu órgão central, no próprio momento em que a polícia atingiu uma sua tipografia e os seus respectivos quadros técnicos.

A marcha gloriosa do «Avante!» não só prossegue, como se faz com regularidade, tendo saído o seu n.º 135 no tempo previsto, dias depois da queda da sua tipo.

Estes êxitos políticos foram possíveis graças ao grande auxílio moral e material prestado pelo nosso povo ao seu legítimo Partido. O P.C.P. tornar-se-á cada vez mais forte e alcançará maiores êxitos frente à política fascista, na medida em que o povo o apoie cada vez mais efectivamente.

Durante estes 8 anos seguidos de publicação regular do «Avante!», houve dois assaltos às suas tipografias, a prisão de vários dirigentes, como Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e Francisco Miguel; houve milhares de prisões por todo o País e o assassinato de vários militantes, como Ferreira Soares, Marquês, Vidigal e Alex.

Por diversas vezes os esbirros policiais fascistas anunciaram triunfalmente que tinham «aniquilado» o Partido, e alguns elementos derrotistas chegaram a acreditá-los. Eles esqueciam que nem as prisões, nem os espancamentos, nem a própria morte, farão deter o avanço da causa dos comunistas em Portugal e no mundo. Eles esqueciam que o Partido Comunista é imortal como a causa do povo, que representa e incarna. Eles esqueciam que na medida em que o Partido se encontra ligado às massas, é invencível como elas. Esta é, fundamentalmente, a causa dos sucessos do «Avante!», a razão porque sempre tem vencido as perseguições ferozes do fascismo salazarista. A outra razão, também decisiva, consiste em o P.C.P. ter sabido expulsar do seu seio, quando da reorganização de 1941, a todos os agentes do inimigo de classe, a todos os espiões e oportunistas.

Nestes 8 anos seguidos de publicação o «Avante!» orientou lutas massivas que após o advento do fascismo ainda não tinham sido vividas pelo nosso povo. Desde as grandes greves de 1942, 1944, 1946 e 1947, até às manifestações da vitória, do 31 de Janeiro, do enterro de Abel Salazar e Bento Caraça, até aos grandiosos comícios dos Salgueiros e do Hípico, em todas estas manifestações democráticas e populares se fez sentir a orientação do P.C.P., expressa nas colunas do «Avante!».

O «Avante!» está, pois, estreitamente ligado às lutas do nosso povo e à defesa da unidade de todos os democratas e patriotas portugueses.

Ontem, hoje, amanhã e sempre — embora isso pese muito aos inimigos declarados ou encobertos da classe operária e do povo português — o «Avante!» continuará a ser o porta-voz dos melhores anseios do nosso povo, e um guia seguro para o aniquilamento do fascismo e o triunfo final da Liberdade e da Democracia em Portugal.

Perante os despedimentos a classe operária só tem um caminho:

OU LUTAR, OU MORRER DE FOME!

A política a favor do grande capital, mais o corporativismo fascista e a política de enfeudamento económico do País aos trusts norte-americanos, com a aplicação do plano Marshall e a sua ratificação, ao plano de auxílio aos países atrasados, estão conduzindo Portugal e as Colónias para o afundamento económico, para a bancarrota.

A existência da grande propriedade rural, inculta na sua maior parte, e de mais de meio milhão de camponeses sem um palmo de terra; a ruína dos pequenos lavradores devido às importações massiças de produtos agrícolas, aos impostos asfixiantes e aos grémios da lavoura; os baixos salários da classe operária e a existência de centenas de milhar de desempregados, fazem com que o poder de compra das grandes massas seja cada vez mais baixo, lançam, primeiro o comércio, e depois a agricultura e a indústria, no marasmo e na ruína.

O patronato, que durante a guerra ganhou lucros de dinheiro à custa dos baixos salários dos seus trabalhadores, procura agora atirar com as consequências da crise que domina o País para cima dos ombros dos trabalhadores do campo e da cidade, e por isso se sucedem os despedimentos em massa por toda a parte.

Assim, na região de Lisboa foram despedidos das construções navais mais de 1.500 operários, e na Figueira da Foz foram despedidos 60 operários e vão ser despedidos mais 200. Em Alcanena, na indústria dos curtumes, há mais de 5 meses que 230 operários estão sem trabalho, havendo nesta localidade, em Maio, 51 fábricas e oficinas fechadas. No Porto foram despedidos dos CTT mais de 170 funcionários, sem remuneração alguma. A Fundição de Oeiras despediu 60 operários, e anunciam o despedimento de mais 70. Na Empresa Nacional de Penteação de Lãs (Alhandra), foram despedidos 15 operários e falam em despedir um turno completo com cento e tal operários. Na Cª Anglo-Portuguesa de Caulinos (Porto), foram despedidos 150 operários. Na fábrica Rost & Linus, também no Porto, foram despedidos 70 operários, sem quaisquer garantias. Na Fábrica de Alfinetes de Stº Amaro, em Lisboa, foram despedidos 48 operários. Nas fábricas «Progresso» e «Mecânica», também em Lisboa, foram despedidos 60 operários. Na fábrica de candeeiros da Boa Vista (Porto), foram despedidos 15 operários. Na Sociedade de Adubos Reis, em Sacavém, foi dada ordem pela direcção para reduzirem o pessoal em 50%. Na fábrica «Vulcano», em Matosinhos, foram despedidos numerosos operários. Na Cª Portuguesa de Trefilaria, em Sacavém, foram despedidos 59 operários. Na fábrica Repentado & Bengala (Lisboa), foram despedidos 40 operários, **alguns deles com mais de 18 anos de casa.** Também na Fundição do Campo do Ouro (Porto), foram despedidos **operários com mais de 20 anos de casa,** e sem quaisquer garantias! Fizeram-se despedimentos em massa nas Obras Públicas, nas oficinas da C.P., no porto de Leixões, nos correios, etc, etc.

Por todo o vasto Alentejo e em todo o Ribatejo dezenas de milhar de trabalhadores agrícolas encontram-se desempregados, numa altura do ano em que antigamente faltavam os braços para as ceifas e outros trabalhos agrícolas. Os camponeses do Alentejo e do Ribatejo encontram-se sem pão e sem trabalho, enquanto em frente dos seus olhos se estendem, a perder de vista, os terrenos incultos dos grandes proprietários, dos monopolistas da terra.

Ao mesmo tempo que centenas de milhar de trabalhadores são atirados em todo o País para os horrores do desemprego, ficando privados de pão e de trabalho, outras centenas de milhar conhecem o desemprego parcial, trabalhando apenas 3 dias por semana. Com o trabalho de 6 dias, o salário já não bastava; agora com o salário de 3 dias de trabalho, morre-se lentamente de fome!

Perto de 60.000 trabalhadores da têxtil algodoeira estão reduzidos, sob o pretexto da falta de energia, a 3 dias de trabalho por semana. Na Covilhã e Tortosendo, milhares de operários da têxtil de lanifícios estão a trabalhar a 4 dias e o patronato já fala em despedimentos em massa. Em Alcanena, nos curtumes, as fábricas que ainda trabalham estão a 3 dias por semana. Em S. João da Madeira, na indústria de calçado, estão também a 3 dias. Nas indústrias das conservas e da cortiça, aquelas pequenas fábricas que ainda trabalham, estão a 3 dias por semana. Os estivadores do porto de Leixões estão a trabalhar um dia por semana, etc, etc.

Os infames doutores que dirigem o I.N.T.P. recomendaram ao patronato que dá trabalho só 3 dias por semana, para dar mais duas horas suplementares, **que é para a Federação das Caixas de Previdência poder descontar dos reduzidos salários o desconto para a Previdência,** pois caso os operários trabalhassem só os 3 dias, a lei não permitiria que se fizesse esse desconto... Este é o «auxílio» que o fascismo presta às classes trabalhadoras, isto evidencia bem o carácter de imposto para os cofres do Estado que tem o desconto para a Previdência.

Perante os despedimentos em massa, o desemprego parcial, a redução dos salários, a miséria e a fome, as classes trabalhadoras só têm um caminho: **lutar organizadamente,** lutarem em defesa do seu direito à vida, lutarem **todos unidos** por um su

SEGUE PÁG. — 2 —

SALAZAR APRESSA A MILITARIZAÇÃO E FASCIZAÇÃO DA JUVENTUDE

ENREDADO nas conspirações reaccionárias de todos os matizes e cumpridor fiel das ordens recebidas dos seus patrões norte-americanos, o governo de Salazar desenvolve uma intensa actividade bélica, e tenta arrastar o País para uma cruzada militar contra a URSS e os países da Democracia Popular, vanguardas da democracia, da paz, liberdade e independência dos povos.

Depois de ceder parcelas do território nacional, de bases militares, aeródromos e aeroportos; depois de comprometer a independência nacional, de prorrogar o tratado com a Espanha, de participar no Plano Marshall e agora no Pacto do Atlântico; depois de criar novas fardas e cursos especiais no Exército e na Marinha; depois de reorganizar a Cruz Vermelha, os Pupilos do Exército e o Instituto de Odivelas, o governo enviou à Assembleia Nacional, e esta votou, uma lei modificando o recrutamento e o período militar.

Por esta lei, a preparação e instrução pré-militar da juventude é intensificada e começa a partir dos 7 anos, sendo elevado, de 12 para 18 meses, o tempo de permanência nas fileiras do Exército. Leva-se à própria escola, em perfeito paralelismo com os estudos académicos, os conhecimentos de preparação militar «indispensáveis à formação de oficiais milicianos». Nesse sentido, o curso especial de preparação militar nos estabelecimentos de ensino terá a duração mínima de 3 anos lectivos, seguindo-se o período mínimo de 6 meses nas fileiras, podendo-se ainda, durante as férias, organizar acampamentos de campanha.

Assim, as escolas, em lugar de formarem jovens conscientes, engenheiros, médicos, cientistas e professores que sirvam os interesses e necessidades do País, passarão a formar militares que sirvam os planos guerreiros dos fomentadores de novas guerras, fornecerão largos contingentes de «carne para canhão». O governo salazarista, ao confiar o ensino e a instrução militar à Mocidade Portuguesa, «mas sob a orientação e inspecção do Ministério da Guerra», pretende transformar as escolas em casernas, pretende enquadrar obrigatoriamente toda a juventude na M.P. e fazer desta uma organização em tudo idêntica às juventudes hitlerianas, de tão triste recordação. Ao pretender formar os estudantes «no sentido da ordem, no gosto da disciplina e no culto do espírito e do dever militar», o governo procura impôr aos estudantes a disciplina de caserna, retirar-lhes todo o espírito crítico e militarizar toda a juventude.

Em lugar dum exército democrático ao serviço do povo, para a defesa da Nação, impede-se a admissão nos cursos de preparação militar nos estabelecimentos de ensino superior de «indivíduos que professem ideias contrárias à ordem social estabelecida pela Constituição Política», prepara-se um exército contra o povo e a própria Nação.

Nas associações desportivas e outras instituições de carácter privado também poderão ser constituídos núcleos de instrução pré-militar, «entregando-se o ensino à Legião ou à Mocidade Portuguesa», o que quer dizer que o regime militar poderá existir nos clubes desportivos, recreativos, campistas, sindicatos, Casas do Povo, etc.

Com a assinatura do Pacto do Atlântico, e com o conjunto de medidas que devido a ele vem tomando, o governo fascista de Salazar prepara activamente o País para futuras aventuras guerreiras, condenadas de antemão ao fracasso, e tenta lançar a divisão entre os portugueses, cria um ambiente de guerra civil.

A todos os democratas e patriotas, pais e mães, rapazes e raparigas, só resta um caminho para impedir o deflagrar duma nova guerra, a participação portuguesa nela e a concretização de todas estas medidas fascistas: **a unidade e a luta** sem desfalecimentos contra o fascismo salazarista e a revogação destas medidas e decretos. Elas não atingem somente a juventude, mas todo o povo e a Nação, e a luta contra elas é um dever para todos os democratas e patriotas.

A juventude, como todo o nosso povo, ama a democracia e a Paz, odeia o fascismo e a guerra. Ela não está disposta a servir de carne de canhão para benefício dos imperialistas norte-americanos e dos seus lacaios portugueses, e saberá lutar sim, não contra os povos pacíficos e democráticos, mas contra o governo fascista de Salazar e os seus aliados norte-americanos.

O SALAZARISMO É DESMASCARADO NO SEU PRÓPRIO CAMPO

E É DEFENDIDA A POSIÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA!

PARA consumar toda a sua política anti-popular e anti-nacional, a camarilha salazarista procura abafar a voz dos comunistas, a voz do Partido Comunista Português. Apesar de todos os seus esforços neste sentido, não o conseguirá.

Apesar das condenações brutais dos tribunais fascistas, do terror e da morte, o fascismo salazarista jamais poderá abafar a voz dos comunistas, a voz dos verdadeiros portugueses, dos democratas e patriotas.

Uma nova demonstração desta gloriosa realidade reside nos factos ocorridos durante o julgamento de **Guilherme da Costa Carvalho** onde, além de se ter condenado o salazarismo, se defendeu a legalidade do Partido Comunista, se fez sentir esta verdade: **que o Partido Comunista é um partido nacional, que é um partido do povo, e que sem a existência deste partido não poderá haver felicidade para a Nação.**

Que assim é, que os comunistas são patriotas e pessoas de bem, provam-no de novo as afirmações expressas no julgamento de Guilherme da Costa Carvalho pelas suas testemunhas e pela maneira como este defendeu o seu Partido em pleno tribunal fascista.

Na carta que enviou para ser lida no tribunal, o sr. General Norton de Matos, referindo-se a Guilherme da Costa Carvalho, disse que: «não o conhecendo, sabia que tinha lutado pela sua candidatura, e que tem grande apreço pelas suas honestidades».

«Tendo sido professor durante muitos anos — declarou o Professor Dr. Rui Luís Gomes — conhecia exemplos admiráveis, mas que o caso de Guilherme da Costa Carvalho era extraordinário de coragem, tendo entrado já no património moral da Nação».

Dona Beatriz de Almeida, depois de se referir às arbitrariedades do governo e à sua prisão, por ter ouvido Rádio Madrid durante a guerra de Espanha, concluiu finalmente: «Sou uma velha, mas curvo-me perante o alto exemplo de Guilherme da Costa Carvalho. Tenho filhos e desejaria que seguissem o seu exemplo».

Uma outra testemunha, corrector de câmbios na Bolsa do Porto, entre o mais afirmou: «Que tinha tido 4 filhos, que tinham morrido. Se fossem vivos gostaria que seguissem o exemplo de carácter de Guilherme da Costa Carvalho».

Os Drs. António de Macedo, Eduardo Santos Silva e Cal Brandão, depois de salientarem os maus tratos que a polícia aplica aos presos durante os interrogatórios, mostraram a sua concordância com Guilherme da Costa Carvalho em não prestar declarações à polícia e que, não sendo comunistas, não concebiam uma democracia sem a existência legal do Partido Comunista.

A engenheira D. Virgínia de Moura, depois de ter defendido a legalidade para todos os partidos políticos declarou também que «não se podia ser perseguido por pertencer a um partido político».

Finalmente o advogado Dr. Manuel João Palma Carlos, em defesa de Guilherme da Costa Carvalho, disse: «O réu não pede nem clemência nem benevolência nem justiça, visto que os juízes estão a aplicar leis que não são justas, que não são feitas pelo povo, mas por meia dúzia de indivíduos à volta duma mesa». E, lendo alguns trechos da imprensa do Partido Comunista, demonstrou que «a orientação do Partido Comunista servia os interesses do povo por-

SEGUE PÁG. — 2 —

PREPAREMO-NOS PARA AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES SINDICAIS!

DENTRO dum ano deverão realizar-se novas eleições para as direcções dos Sindicatos Nacionais. Como sempre, só terão direito a voto os sócios efectivos há mais dum ano, e que tenham as suas cotas em dia. Isto quer dizer que todos os democratas e todos os operários que desejarem ver à frente dos seus sindicatos direcções honradas, e que são simplesmente sócios contribuintes, se deverão inscrever desde já como sócios efectivos, para poderem ter direito a participarem nas futuras assembleias gerais, e a serem eleitos.

Cotizar para um sindicato, sem ter o direito de escolher os seus dirigentes, é dinheiro perdido. Já que o fascismo nos força a cotizarmos para os Sindicatos Nacionais, procuremos criar condições para pôr à sua frente direcções honradas, e expulsar os dirigentes fascistas.

É preciso que todos os democratas e todos os operários conscientes se inscrevam como sócios efectivos nos seus respectivos sindicatos!

O SALAZARISMO É DESMASCARADO

(conclusão)

tuguês».

Guilherme da Costa Carvalho, não obstante as ameaças feitas pelos juízes fascistas de lhe retirarem a palavra, afirmou: «Sou um comunista como milhares de outros. Se não fôssemos pessoas honestas não se compreenderia que metade dos povos da Terra, em menos de cem anos, tivessem seguido o caminho do comunismo. A existência do Partido Comunista é uma felicidade para o povo português e é indispensável à independência da Pátria», terminando por afirmar que «Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro, actualmente presos, são precisos em liberdade, porque são indispensáveis ao povo português».

Com este julgamento mais uma vez ficou demonstrado o que são e o que querem o Partido Comunista e os comunistas de Portugal, e que com eles está o povo e está a Nação! Democratas como o sr. General Norton de Matos, o Dr. Rui Luís Gomes ou a engenheira D. Virgínia de Moura, não falaram individualmente, falaram pela boca do povo e do País, que os conhece bem como verdadeiros amigos, e que neles deposita toda a confiança, e quando defenderam Guilherme da Costa Carvalho e a existência legal do Partido Comunista, expressaram a vontade do povo e da Nação.

Em liberdade e nos tribunais fascistas, os comunistas, como o tem feito Guilherme da Costa Carvalho, continuarão erguendo a sua voz e chamando o povo à luta, mostrarão que:

O PARTIDO COMUNISTA LUTA CONTRA O TERROR, CONTRA TODAS AS ARBITRARIEDADES DO SALAZARISMO! LUTA POR UMA AMPLA AMNISTIA PARA TODOS OS PRESOS E EXILADOS! PELA EXTINÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL! E LUTARÁ SEM DESÂNIMO PELA LIBERDADE, DEMOCRACIA E INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL!

NOVAS LUTAS — NOVAS VITÓRIAS!

OS CAMPONESES LUTAM CONTRA O DESEMPREGO E PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS

Por todo o **ALENTEJO E RIBATEJO** a classe camponesa se movimenta para a conquista de melhores salários e contra os despedimentos, que deixam sem pão e sem trabalho milhares de trabalhadores.

Em **ALPIARÇA**, mais de 100 camponeses desempregados foram à Câmara pedir trabalho, pois todas as semanas mais de 500 não encontram trabalho. Também em **VALE DE CAVALOS** os camponeses desempregados se dirigiram à Hidráulica a reclamar trabalho, tendo conseguido trabalho para alguns deles. Na **PÓVOA DE SANTA IRIA** um grupo de camponeses que tinha sido ajustado a 35$00, um litro de vinho e uns minutos para fumar, como não visse cumprido pelo patrão o contracto, **recusou-se a trabalhar,** razão porque este chamou a GNR que levou 20 presos para **SANTARÉM.** Também os camponeses de **ALCANENA** exigiram trabalho, tendo a J.A.E. aberto trabalhos que dão que fazer 3 dias por semana. Como as férias fôssem pagas ao mes, mais de 100 camponeses foi protestar junto do pagador.

Apesar das manobras dos grandes agrários e do fascismo, a unidade dos ceifeiros e ceifeiras do **ALENTEJO E RIBATEJO** conseguiu, em muitos locais, arrancar novas vitórias. Em **MÉRTOLA,** como os lavradores ameaçassem fazer toda a ceifa a 9$00 com comida, o que equivale a 17$00, a maioria dos ceifeiros não compareceu na praça na primeira semana das ceifas. Graças à sua unidade, os camponeses conseguiram 18$00 e comida na segunda semana e 20$00 e 22$00 com comida na terceira semana. Em **PEGÕES, FOROS DA MISERICÓRDIA** e **VENDAS NOVAS,** onde os camponeses ganhavam 18$00 antes das ceifas, conquistaram 25$00 na 1ª semana, 28$00 na 2ª e 32$00 na 3ª semana. Em **FOROS DA BRANCA,** os patrões combinaram entre si pagar jornas baixas, mas os ceifeiros aguentaram-se firmes, sem se deixarem contractar, exigindo e acabando por conseguir 25$00 na 1ª semana. Em **S. TORCATO, CORTIÇADAS DE LAVRE** e **LAVRE,** as jornas chegaram a atingir 30$00. Em **MONTEMOR** as jornas começaram a 18$00, mas nas semanas seguintes, em concentrações nas praças de jornas e bem unidos, os ceifeiros conseguiram 22, 28 e 30$00. Em **CASA BRANCA** (Torrão) os ceifeiros arrancaram jornas de 28 e 31$00, e em **ODIVELAS** (Ferreira do Alentejo) conseguiram 27 e 29$00.

Em **BENCATEL** os ceifeiros exigiram e conseguiram na 1ª semana 25$00 para os homens e 16$00 para as mulheres.

Também nas mondas do arroz se verificaram novas vitórias das camponesas contra a exploração dos grandes agrários. Em **CANHA,** na Herdade da Mata do Duque, da Casa Cadaval, as mulheres conseguiram ser contratadas por 12 semanas com 17$00 diários. Outro rancho de mulheres desta região, que se havia contractado por 12$00, ao tomar conhecimento da vitória das mondadeiras da Mata do Duque, exigiram e conseguiram as mesmas condições. Em **BISCAÍNHOS E ALMADA** (Coruche), as mulheres contratadas à jorna para estes trabalhos conseguiram ganhar 28$00. Em **FOROS DA BRANCA** também um rancho de 6 mulheres exigiu e obteve uma jorna de 20$00 contra a de 14$00 que lhes era oferecida. Entusiasmadas com a vitória das suas companheiras, todas as mondadeiras exigiram os 20$00, que os patrões foram obrigados a pagar. Ainda em **BENCATEL,** na Herdade de Mote do Montinho, do rendeiro Carrapiço, que nos outros anos dava as empreitadas com comida pouca e fraca, os ceifeiros exigiram e conseguiram 18$00, melhor comida entrega ao amanhecer e largada ao anoitecer, mas com 6 horas por dia para comida, sesta e 6 fumadas.

Agora que as ceifas terminaram, a crise nos campos é maior. Só a luta organizada e a união de todos os camponeses lhes poderá valer. Só a luta decidida junto dos patrões, das Casas do Povo, dos Grémios de Lavoura e das autoridades administrativas, lhes poderá assegurar o pão e o trabalho a que têm direito.

OIÇA

RÁDIO MOSCOVO

EMISSÕES PARA PORTUGAL ÀS 22,30 HORAS EM ONDAS CURTAS PELOS COMPRIMENTOS DE 25,47; 30,67 E 30,90.
PARA O BRAZIL NOS COMPRIMENTOS DE 19,43; 25,55; 25,79 E 30,90.

OS TRABALHADORES AFRICANOS DO CAIS DE LOURENÇO MARQUES

estiveram em gréve durante dois dias e meio!

As centenas de trabalhadores africanos que trabalham no cais de Lourenço Marques são submetidos a uma exploração infame por parte das companhias portuguesas e inglesas que possuem o exclusivo da carga e descarga de navios.

Desde há muito que a luta por aumento de salários tem constituído um motivo de actividade reivindicativa destes trabalhadores junto das companhias inglesas e portuguesas, que sistemàticamente se têm negado a aceder aos seus pedidos.

Tal têm feito as massas trabalhadoras portuguesas na sua luta pelo aumento de salários, os trabalhadores africanos do porto de Lourenço Marques criaram a sua Comissão de Unidade, composta pelos operários mais decididos e capazes, e voltaram a fazer novas diligências junto das duas companhias inglesas e da Companhia do Limpopo, para que os seus salários fossem aumentados de 20$00 diários para 50$00.

Recebidos com desprezo pelos representantes destas companhias, que se negaram mais uma vez a aceder ao seu pedido, procuraram junto das autoridades, — já que não possuem sindicato, nem lhe consentem que o possuam — obter garantias e protecção para o problema que pretendiam resolver.

As autoridades negaram-se a ajudar a solucionar o justo pedido dos trabalhadores africanos. Tendo ver ficado que o único caminho que lhes restava era a gréve, os valentes trabalhadores africanos do cais de Lourenço Marques lançaram-se decididamente na luta.

Para os combater foram imediatamente mobilizadas fôrças da Polícia de Segurança Pública e os bandidos da PIDE, sob o comando do famigerado Roquete. Começaram as prisões e os espancamentos dos trabalhadores que mais se tinham destacado, tendo prendido uns 500 trabalhadores, que depois foram soltos na sua quase totalidade. Estes processos de intimidação, porém, não quebraram a combatividade e a união dos corajosos grevistas.

Apesar de todas as arbitrariedades cometidas contra os trabalhadores detidos e do número crescente de prisões, a gréve continuou no segundo dia e só no terceiro os descarregadores voltaram ao trabalho, **sob a promessa de um aumento do salário, a determinar pela repartição de negócios indígenas.**

Esta luta foi uma grande vitória das massas trabalhadoras africanas da colónia de Moçambique contra a exploração e a opressão imperialista do governo de Salazar. Esta luta marcou o início de outras grandes lutas que os povos coloniais dominados pelos fascistas hão-de conduzir para melhorarem as suas condições de vida e obterem um tratamento mais humano.

Trabalhadores africanos! A vossa luta deve continuar, pois só através da luta podereis melhorar a vossa vida! Criai Comissões de Unidade e ide todos junto dos capatazes, dos gerentes e dos patrões, e reclamai melhores condições de vida! Ao vosso lado está o Partido Comunista, que é o partido dos operários e camponeses, o partido dos vossos irmãos de sofrimento e de luta!

OU LUTAR OU MORRER DE FOME

(CONCLUSÃO)

bsídio, pelo pão e pelo trabalho que o fascismo lhes nega.

As vitórias alcançadas pelas Comissões de Unidade na luta contra os despedimentos, em algumas fábricas de cortiça e de conservas, em Setúbal e no Barreiro, e pelos vidreiros da Marinha Grande, ao reclamarem massivamente contra os despedimentos junto dos S.N., Grémios e INT, conseguindo forçar o patronato a readmiti-los, ou a conceder-lhes um subsídio, aponta um caminho aos restantes trabalhadores do País.

As vitórias alcançadas pelos valentes camponeses do Alentejo e do Ribatejo que acompanhando as suas Comissões de Unidade, se dirigiram em massa às autoridades, às Casas do Povo e ao patronato a reclamar trabalho, e o obtiveram, é um outro exemplo do caminho a seguir para a defesa do pão e do trabalho para todos.

A passividade, o ficar de braços cruzados perante os despedimentos, o egoísmo de cada qual tratar de si e nada fazer em defesa, dos seus companheiros de trabalho, é o caminho da miséria, da fome, da morte. A união de todos, a luta organizada, é o caminho da defesa, e o caminho da vitória, é o caminho para uma vida melhor. A ameaça do desemprego paira sôbre a cabeça de todos os trabalhadores, a todos igualmente ameaça, a todos cabe lutar.

O patronato que, protegido pelo governo salazarista, ganhou rios de dinheiro durante a guerra à custa da fome dos trabalhadores, deve ser agora quem deve pagar o pêso da crise. **É preciso que sejam os ricos que paguem,** e não os trabalhadores que, para viverem, precisam de encontrar quem lhes aluge os braços.

É preciso formar Comissões de Unidade em todas as fábricas e oficinas onde se anunciam despedimentos e que organizadamente, e apoiadas por todos os trabalhadores, se dirijam ao patronato, aos S. N., ao INT, aos Grémios, aos governadores civis e outras autoridades, e junto deles reclamem pão e trabalho.

É preciso mobilizar os pequenos industriais para reclamarem ao lado dos seus operários contra a crise em que o governo lançou o País.

É preciso que nos grandes centros fabris as Comissões de Unidade formem Comissões Gerais de indústria ou de Região, que conduzam a luta organizada de todos os trabalhadores dessa indústria ou região em defesa do seu pão e do seu trabalho.

É preciso que os camponeses desempregados acompanhem as suas Comissões de Unidade e organizem concentrações junto das Casas do Povo, Grémios de Lavoura e Câmaras Municipais, exigindo um subsídio e pão e trabalho para todos.

O caminho para todos os trabalhadores é só um: **OU LUTAR, OU MORRER DE FOME!**

O TUBARÃO DA QUINZENA

Quando o fascismo ibérico se convenceu que continuar a apoiar o Eixo Berlim-Roma-Tóquio era jogar uma cartada perdida, procurou conquistar as boas graças do sr. Churchill enviando para Londres dois monárquicos e dois aristocratas, sabido como é que o sr. Churchill tem um fraco pelos monárquicos e pelos aristocratas.

Então Franco enviou para Londres o Duque de Alba, e Salazar enviou o **Duque de Palmela.** Eram dois monárquicos, dois duques, dois latifundiários e dois capitalistas ligados a poderosos trusts internacionais.

O fascismo nacional tinha uma dívida de gratidão para com o Duque de Palmela, pois este plutocrata, como administrador do Banco de Portugal, tinha comparticipado nas intrigas políticas que prepararam o advento do 28 de Maio.

O Duque tinha, além deste título genérico de gratidão mais o de ter autorizado a artilharia governamental a bombardear o seu palácio do Rato, para expulsar dos seus jardins os revolucionários do 7 de Fevereiro aí entrincheirados, e que nenhum mal lhe haviam feito.

A ida para Londres do Duque de Palmela, como embaixador, independentemente de ter servido os interesses do fascismo (embora o Duque seja uma nulidade como diplomata e como político), servia sobretudo os interesses do grande capital agrário, industrial e financeiro a que o Duque está estreitamente ligado.

Além de ser administrador do Banco de Portugal, o Duque é cunhado do Dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva, administrador do Banco Espírito Santo, banco que então estava muito mal visto por ter negociado intensamente com os nazis, a que este sr. certamente procurou servir, desfazendo «mal entendidos».

Como o Duque tem um filho Bernardo casado com uma Pombeiro, sendo este portanto cunhado por parte da mulher de D. José Inácio Castelobranco, que está casado com uma filha de D. Manuel de Melo, dono do bloco industrial-financeiro da CUF, natural será que represente os interesses da CUF em Londres. Como a única filha do Dr. Ricardo Ribeiro Espírito Santo Silva, presidente do conselho de administração do Banco Espírito Santo, está casada com um filho de D. Manuel de Melo, existe um duplo enlace familiar e económico entre o Duque e os manos Espírito Santo e o genro de Alfredo da Silva, D. Manuel de Melo.

Um dos cunhados do Duque, António Cardoso Teixeira, gerente da Livraria Clássica Editora, é por sua vez co-cunhado do Dr. Pedro Teotónio Pereira (que está casado com uma Palha Blanco) como diplomata tem sido um bom agente dos negócios da família, agenciando os negócios da firma João Teotónio Pereira L.ª, nos Estados Unidos, enquanto o Duque os agencia em Londres, pois além destes laços de família, um dos filhos do Duque é cunhado do Dr. Pedro Teotónio Pereira, por estar casado com a irmã da mulher deste, neta do latifundiário Palha Blanco.

Um dos cunhados do Duque, o coronel António Brandão de Melo, é administrador da Companhia de Diamantes de Angola e de várias outras empresas subordinadas ao capital imperialista americano, e um seu poderoso agente nas colónias portuguesas.

Além disso o Duque é também parente do Visconde de Asseca, que em Portugal agencia os interesses da Sena Sugar Estates e que está ligado ao Caminho de Ferro de Benguela, poderosas organizações do capital imperialista inglês nas nossas colónias.

Uma filha do Duque, Maria, está casada com um filho de João Roma Machado Cardoso Salgado, grande accionista do Banco Espírito Santo e representante dos interesses deste Banco em numerosas sociedades.

Pelos seus laços de parentesco o Duque de Palmela foi pois bem escolhido por Salazar para representar em Londres os interesses do capital monopolista nacional e dos trusts internacionais a ele ligados, e para propiciar à viagem política do fascismo nacional um bom acolhimento por parte dos homens dos trusts anglo-americanos, visto que o Duque e os seus parentes a eles se encontram ligados.

Além disso, sendo o Duque um dos maiores latifundiários do país, com latifúndios nos concelhos de Azambuja, de Sesimbra, de Palmela e da Chamusca, grande proprietário de prédios de rendimento em Lisboa, administrador do Banco de Portugal (onde ganha a «módica» quantia de 15.000$00 por mês fora as gratificações do fim do ano) e membro dos corpos gerentes da C.ª dos Tabacos de Portugal (empresa controlada pelo capital financeiro francês e belga), do poderoso trust inglês da C.ª Carris de Ferro de Lisboa, e da C.ª Portuguesa do Ultramar e Empresa das Águas das Lombadas, não lhe faltam «méritos» para o desempenho da tarefa de embaixador, pois lhe sobeja em sentimentos o que lhe falta em capacidade.

Lutemos pela libertação de Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e de todos os anti-fascistas presos!
Lutemos pela extinção do Campo de Concentração do Tarrafal!
Pelo regresso de todos os deportados e emigrados políticos!
Pela extinção da PIDE!
Por uma ampla amnistia para todos os presos políticos!
Amnistia! Amnistia! Amnistia!